



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUIZ CLÁUDIO GUTERRES ANDREATTA**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias  
**Número da entrevista:** E-103  
**Entrevistado:** Luiz Cláudio Guterres Andreatta  
**Nascimento:** Não informado  
**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS - Porto Alegre/RS  
**Entrevistadores:** Luanda Dutra  
**Data da entrevista:** 20/08/2005  
**Transcrição:** Marco de Carvalho  
**Conferência Fidelidade:** Marco de Carvalho  
**Copidesque:** Marco de Carvalho  
**Pesquisa:** Letícia Baldasso Moraes  
**Fitas:** (01 fita) 103/01-A e 103/01-B  
**Total de gravação:** 45 minutos  
**Páginas Digitadas:** 22  
**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel  
**Número de registro:** 02119/2010/01  
**Número de registro da fita:** 02119/2010/01  
**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ANDREATTA, Luiz Cláudio Guterres. *Luiz Andreatta (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Envolvimento com a esgrima, com a ESEF, com a SOGIPA; período como professor de esgrima da Escola: projetos de extensão, materiais, alunos; período como aluno da ESEF; currículo da Escola; participação no Diretório Acadêmico com organização de festas; técnicas da esgrima; separação das turmas por sexo e depois união; departamentos; momentos marcantes na ESEF.

Porto Alegre, 20 de agosto de 2005. Entrevista com Luiz Cláudio Andreatta, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra para o projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.D. – Eu estava falando como era no teu tempo a esgrima.

L.A. – Bom, eu diria que, quando eu entrei aqui como aluno, o professor era o Pandolfo<sup>1</sup>. Acho que foi o único professor aqui da Escola. O professor Pandolfo foi a vida inteira professor aqui. Ao meu ver, gente de origem da brigada, coronéis da brigada, pessoas que davam aula aqui. Bom, aí eu comecei a dar aula aqui, mas eu vim para ESEF<sup>2</sup>, como aluno, porque eu já fazia esgrima. Eu era atleta de esgrima da SOGIPA<sup>3</sup>. Então já tinha uma história de esgrima há muito tempo. Quando eu cheguei aqui eu já era treinador da SOGIPA. Eu comecei como aluno porque eu já era treinador. Eu fui monitor, mas eu já era treinador da SOGIPA de esgrima quando eu entrei aqui como aluno.

L.D. – Que ano isso?

L.A. – 1970 e lá sei eu [riso] nem me lembro. Já faz muito tempo. Já estou aposentado faz um tempão. Eu fiquei dezoito anos dando aula aqui na ESEF. Comecei dando aula ali em cima, naquela sala ali. Depois a gente passou lá para cima. Um tempão. Eu tive a minha época... Tinha época que era obrigatório esgrima, outra época que não era obrigatório. Mudou o currículo neste período. A gente fez um currículo que - agora eu sei que não é mais assim – fez um currículo todo opcional, uns escolhiam. Aí minha cadeira estava sempre cheia. Realmente a esgrima atraía o pessoal. Então eu fiquei todo esse período dando aula. Tive muitos alunos, aqueles que eram vez e aqueles que não eram, porque, quando não eram, também enchia. Então não precisava ser obrigatório e, naquela época, tinha um, dois e três, mas não se chamava assim, mas era assim, tinha fundamento, treinamento e tinha técnicas de ensino. O aluno gostava da gente e ficava, porque ele precisava de créditos naquele modulo ali. Então depende da cara de quem dava, de como a gente ministrava, porque eu entendo que tu dar basquete ou dar esgrima é a mesma coisa.

---

<sup>1</sup> Carlos Pandolfo.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

Eu encontro com alguns hoje ainda que usam as brincadeiras que eu usava, porque estava sempre brincando, que usam as brincadeiras que eu usava nas aulas deles ainda, até hoje. Então é uma coisa assim interessante que a gente encontra pais. Eu, por exemplo, tenho um projeto num colégio do estado, de amigo da escola, que o pai do pai já foi meu aluno, o filho, sabe aquela coisa assim, o avô, sabe aquela coisa assim. Um gurizinho lá disse que a mãe foi minha aluna não sei aonde, não sei quando, não sei como, sabe aquela coisa assim.

L.D. – Mas tu chegou a dar aula em escola também?

L.A. – Sim, lógico, eu me formei aqui e fiquei dezoito anos dando aula aqui, mas antes eu trabalhei antes. Antes eu entrei em colégio do estado, colégio particular, clubes, essas coisas todas. Depois eu fui ficando... Quando eu entrei aqui era vinte horas, depois que eles me deram dedicação exclusiva que eu era D.E. Aí eu trabalhei na extensão, eu fui um dos que empurrou a extensão. A extensão nossa deu um “bum” aqui, porque a extensão é que leva a Escola<sup>4</sup> e, na minha época, a gente se deu conta disso. Inclusive eu era o representante da Escola na Reitoria e depois eu era representante de toda ESEF, de toda extensão na UFRGS<sup>5</sup>. Então a gente trabalhava bastante e deu certo. Eu tinha escolinha de esgrima, eu tive guri que ganhou o campeonato sul-americano na nossa escolinha.

L.D. – Qual o nome dele?

L.A. – É... Espera que eu vou me lembrar, é que a gente chamava ele de soneca, sabe [risos] e ele foi para o União<sup>6</sup> porque nós não tínhamos essa estrutura para pagar a Federação, aquelas coisas todas.

L.D. – O material que tem naquela sala de esgrima tu que conseguiste então?

L.A. – O último material... Bom, parece que a Vera<sup>7</sup> me disse que ela tinha dado uma “arrumada” no material, mas, na última vez que a gente comprou material, a gente

---

<sup>4</sup> ESEF

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fundada em 1895.

<sup>6</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

comprou direto dos Estados Unidos, um material que é “Blade” o nome da marca que se descobriu os folhetos que a gente pegou. A gente telefonou e os caras mandaram, então as máscaras, que era um material muito velho o que a gente tinha. Então veio todo material novo, aquela coisa toda. Eu levava pra casa por que era assim o negócio, eu que montava tudo ali, eu tinha oficina em casa, “oficininha” tinha que fazer [palavra inaudível]. Então eu levava para casa montava, trazia. Eu tinha doze alunos de cada vez. Então doze alunos de cada vez tu pode passar para os alunos, todos, toda aula. Com quatro aulas por semana, duas turmas. Então realmente eu tenho um dos meninos que é treinadores do União, o Alexandre. Não, espera aí que eu vou trocar o nome do guri, não adiante que eu não sei o nome [riso]. Um dos guris que está treinando na SOGIPA, o União agora saiu daqui. Nunca tinha feito esgrima na vida, ele aprendeu aqui e eu indiquei porque eles pediram um monitor para lá e eu indiquei o guri. E ele está até hoje lá ainda. Depois lógico que ele fez curso, por que eu disse pra ele vai lá aprender, por que aqui é uma coisa diferente do clube. O problema é sempre o material, sempre esse problema do material, mas tu falou que tu lutou. É o único de luta?

L.D. – É o único.

L.A. – É então...

L.D. – Tem agora o Judô, mas quando eu entrei não tinha.

L.A. – Então, tudo bem. Tu disse que foi a única coisa de luta que tu fez.

L.D. – Foi.

L.A. – Então tu terminou Educação Física?

L.D. – Terminei.

L.A. – Bom, veja bem, eu não entendo esgrima como luta, eu entendo como um jogo.

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação

L.D. – Mas a Vera nos apresentou como uma luta.

L.A. – Eu sei, eu sei. Então o negócio é o seguinte, esgrima é um jogo, é o xadrez. Para ti ganhar tu sempre engana. Então não é para ti “pisar” o outro, para ti fincar o outro, não é nada disso. É um jogo de inteligência, de velocidade, que muita coisa dela leva... Bom, o Boxe foi baseado nisso, o Karate foi baseado na esgrima. O Karate do Bruce Lee<sup>8</sup>, ele baseou todo em esgrima. Famoso Bruce Lee aquele, todo em esgrima. O Boris<sup>9</sup> treinava esgrima antes de jogar tênis, ele treinava junto esgrima de sabre para jogar tênis depois. Então tinha um série de coisas... Goleiro, por exemplo. Goleiro de futebol como esgrimista seria “fora de sério”, tem que prestar a atenção, não pode piscar o olho, essas coisas assim. Tem que ter calma, não é calma “abobado”, porque calma... Tem uma coisa assim e o “power training” tem que ter potência e velocidade, mas não pode ser apavorado.

L.D. – A Vera falava para mim que eu, ela disse tu chega na frente muito bem, mas não ataca nada.

L.A. – Mas sabe o que e, e que a gente... Por exemplo, quando tu esta na “barrinha” da tua mãe, o que acontece, tu esta protegida ali e tu está assim, [entrevistado demonstrando os gestos] logo depois que tu nasce a primeira coisa que tu faz assim, que e a primeira defesa, a quarta aquela, sexta aquela assim. Depois que tu aprende que tem que fazer assim e isso tu faz sem comando, tu faz por instinto, por reflexo. Aí tu tem que dominar, se é possível dizer isso, dominar o instinto, dominar o reflexo, tu tem que treinar, repetir. E isso é o problema da esgrima como de qualquer outro esporte, tem que repetir e vai “encher o saco” de quem está repetindo, então o professor e muito importante nisso. Então na Educação Física isso é muito importante passar para o aluno. Em dias que ele vai passar basquete, vôlei, futebol ou ginástica, ou vai ser um “personal training” ele tem que insistir, mas não pode encher o saco de quem ele está fazendo. Então por isso eu acho importante essa diversidade de cadeiras, esgrima, judô, karate, “Wind Surf” se fosse possível, alguma coisa que desse um...

L.D. – Abrir um leque de opções.

---

<sup>8</sup> Ator sino-americano e um dos artistas marciais mais importantes do século XX, responsável pela popularização dos filmes de Hong Kong

L.A. – E eu vi quando estava saindo, que não era a direção que a Escola teria. A direção da Escola atualmente iria para o laboratório, o pessoal ia passar... Isso que eu achei e não era, era uma coisa que a gente não fazia, tinha também, mas não era isso, era toda uma opção. Agora não sei, tem que fazer, é obrigado a fazer o que tem dão e pronto. Não é assim?

L.D. – Não, agora tem alguns esportes, a maioria é opcional. Deixa eu ver... Esporte obrigatório somente... Não tem nenhum esporte...

L.A. – Olha, na minha época como aluno, tive uma lição de um professor que nós tínhamos que serviu pra toda vida. Nós estávamos tendo aula de futebol e ele preparou um rapaz que nós não conhecíamos, de gravata, todo de terno, ele preparou para entrar na aula uma hora que estivéssemos lá. Aí entrou e disse olha da licença e pediu licença e saiu e disse “Olha, tem um representante o Grêmio Futebol Porto-alegrense<sup>10</sup> que quer falar com vocês”. Aí entraram dois caras, todos de gravata, com mala, com cara de gente porque nos éramos todos alunos, o cara chegou e disse: “eu venho aqui para fazer uma proposta para vocês, porque estou querendo candidatos para trabalhar no Grêmio como preparador físico e nós estamos oferecendo...” – tipo, vamos dizer, como se fosse agora – “dez mil reais por mês. Tu trabalha só de manhã e não vai sábado e domingo [riso]. Quem quer?”. Aí o que aconteceu. Todo mundo quis. Passou um folinha e o pessoal preencheu, com timbre, com assinatura, com aquelas coisas todas que parecia sério e aí o que aconteceu. O cara foi embora e que ia examinar e que ia falar com o professor também e que voltaria. Dois dias depois o professor apareceu, viu o que o pessoal tinha escrito. No questionário dizia o porquê tu achava que tinha condições de ir para lá e ele começou e então provou para gente que quase ninguém tinha condições de fazer o que estavam propondo, que estavam indo somente pelo dinheiro, que iam se “quebrar” com certeza nesse trabalho porque não sabiam. E que eles tinha que se “criar” e pronto. Se surgiu a oportunidade de um esporte que é opcional aqui, tu vai ir mesmo que não tenha feito. Entendeu isso?

L.D. – Está despreparado.

---

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>10</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.



L.A. – Está totalmente despreparado e vai te “quebrar” lá. Uma coisa interessante isso. Porque, quando eu fiz...

L.D. – Quem foi esse professor?

L.A. – Ribeiro, Mendes Ribeiro<sup>11</sup>.

L.D. – Ele dava aula aqui?

L.A. – Dava aula de, não o Mendes Ribeiro que era locutor, o irmão dele, um que trabalhou na televisão como comentarista de esporte. O pessoal era muito contestado em relação ao que ele dizia, mas era interessante. Ele tem uns “livrinhos” que ele editou que até hoje se tu olhar aquilo ali, ele dizia: “vamos trabalhar com bola, tu tem que correr com os caras, faz os caras correrem com bola, tem que correr. Então corre com a bola junto, se vai jogar futebol”. Então aquelas coisas assim, dois a dois, que depois, entende. Então, muita coisa ele “Porque teste de “Cooper”<sup>12</sup> não adianta nada, futebol, uma porcaria aquilo, não adianta ter este “Cooper” e aí, o que adianta?”. Umas “coisinhas” assim. Na época lá nossa dizia “ai que barbaridade”, aquela coisa. Mas é uma coisa interessante e eu tinha uns alunos assim. Que eram doze, era um grupinho. Então aquilo ali ficava uma família, entendeu. Então a gente conhecia tudo, eu fazia entrevista, eu fazia aquela... Todos os dias tinha uma rodinha, a gente contava, conversava, contava historia, lá sempre estava acontecendo quando a gente estava fazendo estágio, o que agente estava fazendo. Então histórias que a gente ia se trocando...

L.D. – Tu te lembras de alguma especial de algum aluno? A que mais te marcou.

L.A. – Tive muitos alunos, o que mais me marcou...

L.D. – Qual que tu te lembra assim...

---

<sup>11</sup> Antonio Carlos Becker Mendes Ribeiro

<sup>12</sup> Teste físico que consiste em percorrer a maior distância possível dentro de 12 minutos. Avalia o condicionamento aeróbico.

L.A. – Eu tinha monitores. Então os monitores eram mais chegados na gente, porque a gente escolhia eles recebiam, aquela coisa, aquele [palavra inaudível], mas tive *muitos*. Meu Deus do céu. Fábio Braga<sup>13</sup> era o nome do guri.

L.D. – Fábio Braga... [riso].

L.A. – É Braga, mas o nome [palavra inaudível]. Esse guri fez esgrima conosco. Eu abri, tinha um programa “Brincando de esgrima”, tinha esgrima um, esgrima dois, tive dez, nem sei quantos. Então era um semestre, eu usava os alunos da cadeira de técnicas de ensino para trabalhar com esses alunos, um estágio tarde e noite. Então colocava no jornal, era de graça, e eles vinham. A gente tinha o material, eu consegui patrocínio. Então tinha “jaquetinha” aquelas coisas [palavra inaudível]. A gente trabalhava com eles e com os alunos. E lógico, que vai se destacando, a gente vai indo, vai indo e esse guri depois, então que ele foi crescendo, eu começava com sete a oito anos. Então quando ele tinha nove, dez, ele estava já assim muito acima dos outros, os outros tinham desistido, imagina com o universo, tem que pegar mil, eu pegava doze quinze, imagina. Pouco. Então o que acontecia. Nesse período ai de... Com esse menino, esse menino se destacou. E o próprio “rapazinho” que trabalhava já no União e a minha outra menina que era minha monitora que também era atleta do União, levaram para o União o guri e o guri se destacou, foi embora. Não sei agora porque eu já estou meio desligado, porque eu já estou na luta porque agora eu tenho sitio aquela coisa, outro negócio. Mas o guri até pouco tempo ele foi para uma final, com catorze ou quinze anos, ele foi para uma final de adulto. Adulto é e vinte e um para cima. Eu até fui ver a final, ele perdeu. Mas tinha que perder mesmo, porque não tinha nada de experiência em relação ao outro que era do Rio<sup>14</sup>, São Paulo<sup>15</sup>. Assim mesmo, ele fez frente ao cara lá, mas acabou perdendo. Então a gente fez esse trabalho, como eu também fiz no futebol, porque eu dava futebol.

L.D. – Tu dava futebol aqui também?

L.A. – Futebol, futebol de salão e de prática de ensino, que era o nome daquilo, práticas desportiva, aliás, que era alunos universitários. A gente fazia festa, churrasco.

---

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>14</sup> Rio de Janeiro, cidade brasileira localizada na região sudeste.

L.D. – Cadeiras obrigatórias dos outros cursos.

L.A. – É, isso aí.

L.D. – Ah sim, me lembro.

L.A. – E eu consegui, tanto é que tu me perguntou dum aluno que me marcou, um guri, não sei como, da engenharia conseguiu vaga na esgrima fundamento, que se chamava, não sei como, um dia deu um “galho” no computador e ele conseguiu entrar e ficou na cadeira de esgrima. E foi um cara que se destacou assim muito bem, como um também da odonto<sup>16</sup> que também não sei como entrou assim, não era aluno da educação física, porque os alunos da educação física ficavam sempre de fora, não tinha vagas suficientes para eles e esses gurus se destacaram muito. Eu trouxe umas fotografias se tu quiser que eu traga.

L.D. – Ai, eu quero.

L.A. – Espera aí que vou buscar. Até tem alguns escritos dos alunos atrás.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. – Quando que tu saíste da Escola?

L.A. – Eu acho que faz uns cinco anos atrás.

L.D. – Em 2000?

L.A. – Eu acho que foi... Não, foi em 1998 que eu sai.

L.D. – Em 1998?

L.A. – É, foi em 1998, 1997 que eu sai.

---

<sup>15</sup> Cidade brasileira localizada no sul da região sudeste.

<sup>16</sup> Curso de odontologia

L.D. – Era por que tu queria te aposentar?

L.A. – Não é assim... Tu está gravando isso aí?

L.D. – Quer que eu...

L.A. – É, para porque eu vou te dizer um negócio.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.A. - Não me avisaram.

L.D. – Vou ligar, tá?

L.A. – Tá, tudo bem.

L.D. – No caso do Pandolfo, ele foi teu professor?

L.A. – Ele foi meu professor e eu fui monitor dele e ele que me indicou para mim ficar aqui na Escola, porque naquela época era assim. Depois a gente fazia concurso, mas no começo a gente era indicado. Fazia uma prova comum, agora uma prova de títulos. Mas como eu era treinador já tinha ganhado o campeonato brasileiro, eu tinha sido onze vezes campeão nacional com as minhas equipes da SOGIPA quando entrei aqui como professor. Então aí fica fácil, é uma barbada. Tinha sido monitor, tinha um bom relacionamento com os professores, tirava “A” naquelas que tinha que tirar, naquelas cadeiras que tu estavas te propondo, no caso a esgrima. E aí então a gente fez um concurso interno. Eu tirei dez no concurso, nos dois, na prática e na escrita. Foi o único, dez, todos os professores deram dez.

L.D. – Também com tanta estrada.

L.A. – Sim, também naquela época não tinha tanta, não tinha tanta. Estava entrando aqui. Então era assim. Mas eu sabia que, quando eu saísse, que ia terminar, eu falei com o

peçoal da federação, que quando eu saísse ia fechar, como quando o dirigente saísse ia fechar porque o peçoal que estava interessado, não estava interessado em manter essa cadeira e aí saiu. Eu não sei se isso aí foi bom ou foi ruim para a Escola, mas eu vejo os alunos que eu encontro, os alunos meus, trabalhando muito bem por aí. Não sei se, quem sabe, se a gente tivesse mantido, porque eu nem estaria, sabe como que é? Mas eu acho que é muito importante o professor. Então a esgrima, ela dá um leque muito bom para o negócio de atenção, sabe tu faz muitos joguinhos... Isso é muito importante para quem vai dar aula, porque tem gente que faz Educação Física e não quer dar aula.

L.D. – É agora com a divisão de currículo até.

L.A. – Ah, pois é. Mas tu sabes o que acontece com a divisão de currículo? Porque eu nem sei como que é. Mas se tu fizer uma faculdade que tu não pode dar aula e a faculdade de educação física só pode trabalhar em academia... Vamos supor que seria assim, que tu vai dividir com Licenciatura e Bacharelado, não tem vantagem nenhuma em ser bacharel. Sabe por quê? Porque com licenciatura tu pode fazer o que o bacharel faz e, como bacharel, tu não pode fazer. Então eu não vejo, a não ser que especialize mais aquele ramo. E ele vai ter uma academia um dia, alguma coisa assim, o cara que tem uma grana para abrir.

L.D. – Tu chegaste a participar do Diretório Acadêmico quando tu foste aluno?

L.A. – Sim, por isso que eu me lembrei da coisa que a gente fazia um samba... Como é? Chopão do samba, a gente fazia aqui.

L.D. – Aqui onde é o CEME<sup>17</sup>?

L.A. – Aqui a gente buscava... Sim, aqui tinha um bar. Então a gente fazia um samba aqui e, nessa partezinha onde era o bebedor, ali que a gente fazia um sambão e estavam construindo. Naquela época, estavam tirando o palco, nós fazíamos o samba na construção. Olha, a gente buscava os caras de samba lá no morro, vinham eles e as namoradas e eles cobravam da gente assim: “eu só tomo campary, eu só tomo cachaça com... Lá sei eu o

---

<sup>17</sup> Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul implantado em dezembro de 1996.

que, eu só tomo vinho”. A gente comprava as bebidas que eles queriam para eles tocarem a noite inteira para gente dançar.

L.D. – Ai que legal. E os diretores deixavam bebida alcoólica?

L.A. – Lógico. Eu ia lá pedir, eu tinha... Eu era aluno, mas eu tinha um bom relacionamento. Chegava para falar com o diretor que, na época, era coronel da brigada, o... Como é o nome dele. Pô famosíssimo ele, agora já estou ficando velho, me esqueço.

L.D. – Targa<sup>18</sup>?

L.A. – Targa era o diretor. Eu digo “Dá licença Coronel Targa, eles queriam fazer uma festa assim, assim, assim, o senhor está convidado”. Ele vinha, ele vinha na festa. Nós fazíamos escolha de rainha e ele participava do júri.

L.D. – Rainha?

L.A. – Rainha da... Sei lá eu. *Inventava*, inventava guria. Inventava e dava certo. Era uma beleza o negócio, era outra...

L.D. – Quem era o diretor?

L.A. – O Barreto<sup>19</sup>, pergunta para o Barreto o que ele fazia, o Barreto participava. O Targa era o diretor. O Barreto participava, pergunta para o Barreto era o...

L.D. – Ele era do diretório também?

L.A. – Não, ele participava dessas festas porque ele era do grupo da minha época. Barreto, o Caraveta<sup>20</sup>, o Fortuna<sup>21</sup>, tudo isso é da minha turma, esses aí vão saber bem direitinho, essas festas eles sabiam e eram aqui. Nós fazíamos, a gente comprava Barris de chopp e

---

<sup>18</sup> Jacintho Francisco Targa.

<sup>19</sup> Jorge Luiz Day Barreto

<sup>20</sup> Élio Salvador Praia Carravetta

<sup>21</sup> Newton Fernando Fortuna

servia aqueles, eu não sei quem inventava aquilo, mas agora eu vejo que tem. Colocava uns “tiques” grande assim, o cara ia, podia tomar dez, não sei quantos assim, ia cortando e quem estava no bar servia e dava e, quando terminava, o pessoal tinha que começar a pagar. Era bem legal, era uma outra época.

L.D. – Quem era que fazia parte do diretório contigo?

L.A. – Eu não era do diretório, eu era de organizar, porque eu trabalhava...

L.D. – Tu eras da organização da festa [riso].

L.A. – É, porque eu não tinha tempo por que eu trabalhava, eu era assim, eu trabalhava. Eu trabalhava nessa época por isso que eu me aposentei cedo. Eu trabalhava de telefonista, no INPS<sup>22</sup> e era a noite inteira. Então o que acontecia, eu tinha tempo para vir de manhã ,eu tinha aula segunda de judô as 08:00, não sei, 07:45, não me lembro quando era a primeira aula, 08:30, 07:45, acho que era 07:30 na época. E eu tinha que chegar correndo aqui porque eu saía de lá as 07:00. Então era assim a coisa aqui. O que mais que tinha aqui?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. – E o período como professor, te marcou com alguma coisa?

L.A. – Marcou, assim, uma coisa interessante. Eu era o primeiro cara que entrava depois de anos de ninguém ter entrado e, quando eu entrei, tinha puma e, na época, todo mundo queria ter um puma, um carrinho baixinho.

L.D. – Eu sei.

L.A. – É, eu tinha um puma, então aquilo ali era um carro assim de, lá sei eu, era um sonho. Aí tinha um estacionamento aqui [muito barulho ao redor], eu entrei, botei o carrinho ali e alguns colegas nossos, professores, chamaram o Paulinho<sup>23</sup> - que o Paulinho

---

<sup>22</sup> Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) do Brasil, criado em 1966.

<sup>23</sup> Nome sujeito a confirmação.

era quem trabalhava entregando material no depósito – “Paulinho, aquele carro deve ser de aluno. Então tu manda tirar porque ali é para os carros dos professores”. Aí o Paulinho disse: “Não, aquele ali é de professor”. “Ah, é professor é?” “É, aquele lá”. Estão aí esses ainda. Eu sou baixinho, não sou muito alto. Paravam no meio dos dois, eles paravam assim: “Não vai pensar que tu vai, só porque tu tens um carrinho daquele que tu vai, que tu é moço.

L.D. – Mas que absurdo, só por que tu tinhas um carro.

L.A. – Isso. Então o que acontecia era o seguinte, então eu achava e sempre fiz isso, que a gente devia estar bem apresentado para dar aula. Então o que acontecia, eu vinha porque tinha um monte de abrigos, eu era profissional, então, até isso estava incomodando no colégio onde eu trabalhava e também aqui tenho certeza absoluta. Então era mais ou menos isso aí, era o primeiro que entrava, os outros estavam há muito tempo entendeu, depois de mim veio muita gente. Até já faleceram alguns aí, o Barata<sup>24</sup>, por exemplo, mas depois que entrou o resto. Eu fui assim...

L.D. – O abre alas.

L.A. – O primeiro. Porque o Pandolfo, coronel Pandolfo estava se aposentando e precisavam de, como era obrigatório esgrima, então não tinha, tiveram que contratar e tinha outro professor o Barriga<sup>25</sup> lá que dava também aula de esgrima.

L.D. – Barriga?

L.A. – É o Jesus Linhares Guimarães. Tem aí?

L.D. – Jesus?

L.A. – É parece que é Jesus Linhares Guimarães, vê se é isso mesmo.

---

<sup>24</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>25</sup> Nome sujeito a confirmação.



L.D. – Não tem isso.

L.A. – Não, não, espera aí que eu posso ter errado o primeiro nome. Mas todo caso é o barriga, todo mundo sabe quem é o barriga [riso]. Mora aqui pertinho ele, mora por aqui ele. Até um rapaz que me telefonou que queria entrevistá-lo, eu não sabia onde que ele morava. Eu sei que ele mora na travessa daquela Cristóvão<sup>26</sup> com a PUCRS<sup>27</sup> ali. Bom, e depois eu fiquei com toda a esgrima, depois ele foi para o futebol e eu fiquei com a esgrima. Então a gente... Eu fiquei com a esgrima na, apesar de ser... Então por isso que faltou uma vaga porque entravam sempre quarenta a cinquenta alunos. E lógico, chega uma hora que muitos não tinham vaga, que eram doze e eu briguei porque eu tinha doze alunos e eram doze por causa da sala e porque também, a explicação era essa. Judô a mesma coisa, tinha que ser pouca gente por causa do tamanho da sala e também por causa do passar pela gente para o aluno.

L.D. - Do passar para o aluno.

L.A. – Sim, é uma coisa engraçada, porque tu sabe na esgrima, o toque assim aquela coisa, é uma coisa que se chama “baitê”, o toque que tu dá, leve, mas não fraco. Então uma coisa assim tem essas coisas. Essa arte de dominar com os dedos o florete, que eu chamo de lápis, o florete é um lápis, tu cruza os dedos. Então tu tem que usar isso aqui, se tu usar aqui tu está “ralada” porque eu já passei e já te toquei [entrevistado demonstrando os gestos].

L.D. – Ah, eu usava o pulso.

L.A. – É, o pulso “já era”, tu tens que usar, tu tens que mexer a ponta do florete com movimentos dos dois dedos teus, não com movimentos do punho, por isso que eu chamo de lápis o florete. Olha como é que se pega. Então as coisas assim. Tinha tanto exercício, tanto coisa para alunos de iniciação, para alunos de primeira série e para ti trabalhar depois. Até um dia desses um guri me telefonou porque ele trabalha como “personal training” e ele queria da esgrima e ele me telefonou, tinha sido meu aluno lá, disse que

---

<sup>26</sup> Cristóvão Colombo, rua de Porto Alegre.

<sup>27</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

agora estava dando aula para um executivo e achou que esgrima era legal para esse cara e a gente conversou um “tempão” lá, sobre o que ele iria fazer lá, ele tinha o material.

L.D. – Quando tu entraste já era misturado, não tinha turma feminina.

L.A. – Tinha.

L.D. – Tinha?

L.A. – Esgrima feminina e esgrima masculina, na minha época que eu, que já começou a não ter. Só que eles não colocavam que eles tinham medo que machuca-se as meninas, mas depois de a gente colocou e que a gente viu que colocando, a gente viu que havia um respeito, que não acontecia isso aí, é que o futebol não tinha para mulher, entendeu?

L.D. – Não podia?

L.A. – Não tinha, era futebol, masculino. Então a primeira vez que eu tive uma turma de praticas desportivas, aí com os alunos da Universidade e apareceu uma menina para jogar, o pessoal todo ficou olhando aquela menina que vinha vindo. Ela joga junto com os outros, qual o problema? Então eu peguei uma época de mudanças, muito interessantes. E as aulas mistas no caso, de esgrima, de judô, aí aconteciam algumas coisas ruins, eu tive problemas de vez em quando, um cara quis bater numa menina. Tu tem que ir lidando um pouco, é isso que eu digo para os alunos. O judô mesmo também tem que aplicar o golpe no “kimono” e não no corpo do outro lá, o cara teve uma vez um distensão uma vez, eu fui lá para ajudar a menina, é na base da ignorância aquilo ali. Então a gente nunca sabe. Trabalho dois a dois tem um problema, a gente nunca sabe a ignorância do outro. Então esse é um problema sério. Interessante isso e ela já tinha visto essa luta.

L.D. – Tu pegaste uma das primeiras turmas então no IPA<sup>28</sup>?

L.A. – É, eu acho que as primeiras.

L.D. – Tu soube lidar tranquilo? Para ti era...

L.A. – Eu já tinha, eu não sei porque eu dava aula, eu dava aula assim na SOGIPA. Já era professor de esgrima e dava aula nos colégios. Eu não era, não entrei... Eu sai da Escola e me formei, fiquei dez anos fora, ou oito e eu voltei como professor aqui. Então eu tinha tido, tinha batalhado, embora eu tinha conseguido aquelas coisas que diziam que ninguém ia conseguir, porque quando eu entrei aqui, falavam como a gente era “bixo”, eu me lembro que sentou, sentaram a gente ali, no chão ali e eu me lembro bem dessa figura, era o cara que era goleiro do internacional, o Caio Nete<sup>29</sup>, famoso, não sei se tu vai ouvir, na história tem. Ele chegou e disse para, ela era o bixo, ele era, nos éramos bixo dele.

L.D. – Veterano.

L.A. – Veterano. Ele chegou e nos disse assim: “coitado de vocês fazendo educação física, vão morrer de fome”. Quando eu estava entrando como aluno, entendeu? Então isso é uma coisa que é antiga já. Meu pai mesmo, quando eu entrei, disse isso para mim então.

L.D. – O que ele falou?

L.A. – Que eu não ia conseguir. Eu fui esnobando os trabalhos e depende da gente, com certeza depende da gente. Então eu fui pedindo demissão, do estado, por exemplo. Eu tive dificuldade para sair do estado, tive que pedir por favor, para os caras me colocarem para fora. Eu tive que ir lá, se eu não tivesse uma amiga que trabalhava lá, eles tinham demorado e eu tinha perdido um emprego meu porque não podia ter vinculo com estado, essas coisas, entende isso? Difícil de entrar, difícil de sair, entende isso? É assim então. Eu trabalhei num colégio que tinha bastante material, trabalhei em lugar que não tinha material nenhum. Então eu tive toda aquela experiência que quem sabe o pessoal não tem tido na aula aqui. Por isso é importante que o professor tenha uma, para entrar, tenha uma bagagem anterior de aula, afinal, a não ser que a Escola não se proponha mais para que dê aula. Se não é para dar aula mais, se é para sei lá eu o que, para fazer pesquisa, aí não posso reclamar, tudo bem. Agora, se tu tens que dar aula, tu tens que ter trabalho.

---

<sup>28</sup> Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul.

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação

## [FINAL DA FITA 103/01-A]

L.A. - Era treinador de futebol de salão, quando era aluno meu, fazia esgrima assim, meio obrigado, porque ele estava, ele tinha que fazer aqueles créditos porque ele tinha que se formar e precisava daqueles créditos. Bom, fez aquela cadeira ali e eu dizia para ele: “um dia vai acontecer, tu vais te lembrar de mim ainda, um dia”. Porque no aquecimento a gente sempre falava, “hoje eu vou usar nada professor, hoje eu vou usar duas bolinhas de pingue-pongue”, e assim por diante. Então isso dava muito guerra no começo assim, mas depois eles começaram a me entender.

L.D. – O porque.

L.A. – É, aí daqui a pouco eu sorteava, sorteei. Tu é minha aluna, sorteei, hoje tu vai dar aquecimento com essa folha. Era aquecimento, entendeu como é que é? E olha tchê, o negócio ia, as primeiras vezes que tu fez, porque essa era a segunda rodada, a primeira a gente dava com antecedência, tu preparava, depois a gente passou pra sortear as coisas. Isso aí deu muito legal, muito bem. Então esse guri aí, eu disse para ele assim: “Um dia tu não vai ter espaço, um dia tu vai ter trinta alunos dentro de um lugarzinho que está chovendo”, mas eles não acreditavam, ou acreditavam, mas ficavam assim. Um dia encontrei com esse menino, disse que estava num estágio, não sei aonde, tudo preparado no campo, ele era professor de futebol, uma barbada, com bastante material. Daqui a pouquinho veio uma bomba d’água que ele teve que entrar numa salinha assim com trinta crianças e ele lembrou de mim. Óbvio, porque tu tens que dar um jeito que eles olhem para ti. Tu tens que te colocar, aquela coisa toda. Por isso que eu acho que tem que ter uma, é muito importante ter uma vivência. Como é que tu vai tocar em ti, uma coisa é te agarrar assim, outra coisa é te levar para um lugar, essas coisas assim. Então tem muita coisa que a gente não está, que acontece na aula. A Vera quando estava, quando entrou, falou um dia que, eu vim dar aula e ela ficou olhando, ela disse: “Mas que barbaridade, mas que coisa”. Eu disse “Tu vê como é que é”. Eu tenho um trabalho em um colégio do estado de amigo da escola, como é que eu fiz, eu treinei alunos de oitava série e de sétima, para trabalhar com as crianças. Bom, então a gente fez um programa, primeiro eu falei, tiveram aula comigo depois a gente vai dar as aulas. Então a gente chega na aula, eu e eles e a gente divide as crianças pelo número de alunos que estão ali. De vez em quando eles começam a

se juntar, a se juntar, aí “E agora Diogo<sup>30</sup>?”. “Agora tu vira um de costas para o outro, por favor”. “Ah é mesmo”. “Agora tu viras de costas para o sol, por favor, por que de cara não vai dar”. Ficam tudo de cara para o sol. São umas coisinhas assim, que acontecem tanto. Por exemplo, cabo de vassoura é uma invenção sensacional, só que tem que saber fazer aquilo ali. Agora eu entrei ali no ginásio e me lembrei, aqueles bancos suecos são uma coisa tão espetacular, tu chegou a fazer alguma aula com aquilo?

L.D. – Aqueles bancos compridos?

L.A. – É.

L.D. – Eu fiz a ginástica básica. Sueco, banco sueco?

L.A. – É banco sueco. Olha aquilo ali é *sensacional*. Então o que acontecia, eu usava na esgrima aqueles bancos suecos, entende? Eu tinha dois bancos suecos que eram suficientes para os meus doze, quinze alunos que eu tinha. E assim foi. A Escola... O meu irmão veio uma vez, que era engenheiro, uma vez veio olhar uma aula. Ele chegou e disse assim: “Aqui tu não trabalha, tu te diverte”. É isso aí mesmo, é isso aí. É uma diversão, mas uma coisa que é boa, então tu gosta. Então é uma coisa interessante isso aí.

L.D. – Tu tens lembranças boas daqui?

L.A. – Mas com certeza, com certeza. E porque não?

L.D. – Em qual administração que tu saíste, do diretor? Do Guimarães<sup>31</sup>?

L.A. – Eu acho, acho que foi a do Guimarães, Guimarães. Estava entrando o Guimarães e saindo o Petersen<sup>32</sup>, eu acho.

L.D. - E aí estava, tinha departamento ainda?

---

<sup>30</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>31</sup> Antônio Carlos Stringhini Guimarães

<sup>32</sup> Ricardo Démetrio de Souza Petersen

L.A. – Sim.

L.D. – E qual era o teu?

L.A. – De desporto, era o meu.

L.D. – E com que tu dividias esse departamento?

L.A. – Não, o departamento de desporto reunia todo pessoal que fazia, tinha o de ginástica e recreação e tinha o departamento de desporto.

L.D. – Quem era, te lembra de algum colega teu, professor?

L.A. – Olha, o do basquete, como é?

L.D. – O Mário<sup>33</sup>.

L.A. – O Mário. Esse pessoal do judô, do vôlei, basquete, tudo que era desporto, que era ginástica e dança, com outro departamento.

L.D. – Tu chegou a passar pelo momento que eles se desmancharam?

L.A. – Não, já não estava mais aqui. Nem sabia que tinham se desmanchado.

L.D. – É se desmancharam.

L.A. – É não sabia. E agora como é? Tem diretor de departamento?

L.D. – É.

L.A. - Tem departamento?

L.D. - Tem, tem diretor de departamento.

L.A. – Sim, mas que departamento? Como?

L.D. - Não tem departamento de ginástica, professor, professor, cada um com sua cadeira.

L.A. – Sim ta, isso é uma coisa boa, mas ai não tem departamento no caso. Engraçado, é só aqui que não tem?

L.D. – Não sei.

L.A. – Que na medicina parece que tem, não tenho certeza. Bom, isso aí, olha o professor ter liberdade é legal, agora...

L.D. – Tu podes lembrar algum momento muito marcante na Escola, para gente encerrar a entrevista.

L.A. – Bom, eu tinha muita dificuldade como aluno para fazer o salto com vara e era, como é o nome dele, esse aqui que tu disseste que ia entrevistar... Bom, o professor que dava aula pra era o Cassel<sup>34</sup>. Então o que aconteceu, a gente tinha que fazer uma prova, tinha que fazer um salto “floop”, salto em altura, tinha que fazer um rolo, tinha que fazer os três estilos do salto. Depois que tu saísse dali, tu tinha que fazer um salto com vara. Apesar de ser aula mista, as meninas não precisavam fazer a vara, somente os guris. Bom, então a gente era ali. Eu tinha dificuldade naquilo terrível, não conseguia, mas eu tinha que fazer, porque ele avisou que, quem não fizesse, não vai passar. Bom, então eu fiz o salto, os saltos, os três saltos e ele chegou e disse: “Ta, foi bom, “A”. Bom, então eu tinha que, mas não interessava isso, não fazia me passar, eu tinha que passar na vara. E eu não tinha conseguido fazer aquele salto com vara direito, que tinha que saltar dois metros no mínimo. Bom, ai eu cheguei e disse, quer saber de uma coisa, e meus colegas todos com problemas, esse que fraturou aquilo, o pessoal todo com... E o pessoal de atletismo não e

---

<sup>33</sup> Mário Roberto Generosi Brauner

<sup>34</sup> Mário César Cassel

sabe o que eles faziam [palavra inaudível]. Cheguei, parei lá e disse “quer saber de uma coisa, é só enfiar o pé naquele porcaria ali [riso].

L.A. – É só enfiar naquele buraco ali, o negócio vai me jogar para o lado de lá, depois eu me viro. Aí fui lá e passei, passou os 2.20 metros que eram ou os 2.25 metros. Passou, passei, larguei a vara caí lá, tinha uns colchões. Aí o Cassel olhou para mim: “Não, por acaso não, faz de novo”.

L.D. – Ai não. E aí tu fizeste?

L.A. – Lógico. Aí fui lá e fiz de novo. Eu fui lá e ele “Ta, foi bom. Legal. Que bom que tu conseguiu”, não sei o que lá. Ele disse assim “B”. “De jeito nenhum”. Olha, naquela época, tu dizer isso para um professor é uma coisa totalmente, não usual, digamos assim. “Como tchê? Olha aqui, eu fiz os três saltos lá, tu disseste que tinham sido bons e eu sei disso. Agora eu vim e fiz as duas vezes que tu pediu. Se tu quiser fazer eu faço mais uma”. “Não, tu tem “A”. Não mesmo, “A”.

L.D. – E ele mudou.

L.A. – E a outra vez era.

L.D. – E os teus colegas ficaram assim, tudo olhando?

L.A. – Lógico. Principalmente, os de atletismo que achavam que a gente não ia fazer. E o de natação, o Werner<sup>35</sup>, que é o peixinho. A gente tinha, era obrigado fazer natação e tinha que fazer o medley. Então o que era: tu te atira na piscina faz o golfinho, volta de costas, aquilo ali para quem não é nadador, para quem tem um trem inferior mais desenvolvido, ou seja, para quem tinha a perna mais grossa, porque fazia esgrima - quando eu fazia esgrima as calças de Brin minha da perna de trás não entravam. Então assim que a gente comprava, a perna de trás [trecho inaudível]. Então não entrava -, o que acontecia, eu tinha uma certa dificuldade, mas não assim tanto, os de atletismo tem mais dificuldade, os que são assim de fundo, futebol, mas eu tinha. Então tinha que treinar muito para fazer aquele trabalho, não



tinha tempo para fazer, mas também não podia parar, tu tinha que preparar ali e tu sabe que no golfinho tu pode fazer aquele mergulhão. E foi aquilo ali. As primeiras braçadas saí bem, depois já saí meio mal, aquela coisa toda, mas foi. Voltei depois que fiz o golfinho, aí disse ta, voltei de costas. Quando chegou no último que era o Crawl, tem as raias. E eu já estava cansado, eu já estava mexendo... Os caras, porque, às vezes, os caras mexem. Eu já estava mexendo com os caras lá na [palavra inaudível] bandeirinha. E eu encostei lá. Passei, saí da piscina e o meu colega esperando lá fora para fazer e o cara tinha um medo desgraçado e eu tinha uma sibalema no bolso, sabe o que é sibalema?

L.D. – Não.

L.A. – Tipo um melhoral antigo [riso]. Eu vim no vestiário disse assim, “Olha meu “véio”, toma isso aqui, que com isso aqui tu vai arrasar lá, tu vai arrasar”. “Mas tão rápido?”. “É só tomar agora que tu já vai fazer bem tua prova”. Era um negócio tipo tomar um melhoral infantil. Aí o cara tomou e foi lá e passou. Ele nunca tinha conseguido fazer.

L.D. - Aí depois que toma...

L.A. – Dopping que não era dopping. Quer dizer, era um dopping...

L.D. – Placebo que funcionou. Interessante.

L.A. – É interessante.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>35</sup> Jayme Werner dos Reis